



## AS FORMIGAS E OUTROS BICHOS NA POESIA DE MANOEL DE BARROS

Autora: Juliana Marcelino Silva

Orientador: José Hélder Pinheiro Alves

*Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, julianamarcelino54@gmail.com*

**Resumo:** A leitura da poesia de Manoel de Barros destaca-se, dentre muitos traços, pelo modo como lança mão de imagens que retratam animais os mais diversos, sobretudo os rastejantes, as aves e os insetos. Dentre esses seres pode-se falar que as formigas têm uma presença das mais constantes, podendo ser vista em vários de seus poemas desempenhando papéis significativos e contrários aos que lhes são remetidos habitualmente. Dessa forma, esta comunicação tem por objetivo apresentar peculiaridades da presença das formigas na poesia de Manoel de Barros, ou seja, como o poeta apresenta ao leitor novas percepções da natureza a partir da poetização desse e de outros animais. A formiga, por exemplo, não comparece, como na tradição da fábula, como símbolo do trabalho, pois tem seu papel reconfigurado na poesia do poeta. No procedimento metodológico, foi utilizado parte de uma seleção de poemas recolhidos de toda obra do poeta e posterior análise, observando ritmos, jogos sonoros, deslocamento de imagens, sinestésias e outros procedimentos. Nosso aporte teórico foi construído com base nas reflexões teóricas de Bradesco-Goudemand (1982), Pinheiro (2012), dentre outros. De acordo com esta perspectiva, acreditamos que a caracterização singular das formigas e de outros animais na poesia de Manoel de Barros pode contribuir para estabelecer novas perspectivas em relação ao modo como percebemos os animais e a natureza em geral.

**Palavras-chave:** Manoel de Barros; formigas; natureza.

### Introdução

Desde os primórdios da história da humanidade, os animais convivem com o homem, seja por relações de confronto ou parceria. Assim, já na pré-história, a arte exibia estas associações entre o mundo animal e o humano (Bradesco-Goudemand, 1982), a lembrar das ilustrações gravadas nas paredes das cavernas feitas por homens primitivos, em que os animais apareciam indicando ameaça, autodefesa ou relação pacífica com o homem.

Em criações artísticas, os animais são representados de diversas formas, sob variadas funções, povoando a imaginação e a poesia, trazendo ao espaço poético, escolar e social, imagens e percepções que divergem, ou não, dos animais que conhecemos no cotidiano. Nesse sentido, vemos que os autores lançam mão de representações e retratações de animais que, muitas vezes, trazem novas perspectivas de enxergar e ver a natureza.





# VII ENLIJE

Baseando-nos nesse fascínio da literatura com o animal, observamos a poesia de Manoel de Barros que, como outros autores, aborda a temática animalista, adotando diversos enfoques para cada uso. Porém, diferente de autores que inserem os animais em poemas com o objetivo pedagógico predominante, isto é, com função de ensinar, educar e/ou transmitir valores, Barros destaca-se por apresentar poemas que (re) figuram os animais e lhes confere características divergentes ou opostas das que habitualmente lhes são destinadas. Assim, trata-se de um uso que não se relaciona diretamente com educar, mas representar, apresentar, configurar, de forma que a visão padrão seja quebrada e novas percepções sejam alcançadas a partir das imagens que Manoel de Barros lança em seus poemas.

O foco desta comunicação é observar e analisar alguns poemas selecionados da obra completa do autor, em que ele retrata os animais, sobretudo os rastejantes, as aves e os insetos, de forma singular, dando-lhes significação e grandeza em suas ações. Ademais, dentre os seres que são retratados, as formigas têm uma presença das mais constantes. Dessa forma, nos deteremos nas peculiares imagens das quais o autor utiliza ao representar as formigas, de modo que seja observado os deslocamentos de sentido, a função desses animais na poesia, a forma como são descritos e caracterizados, os jogos com as palavras, os ritmos e a própria poetização da formiga e de outros bichos.

Este artigo está disposto em três partes. A primeira, trata-se de uma identificação e observação sobre como os animais aparecem em algumas obras de arte, isto é, *O cenário artístico povoado por animais*; a segunda traz uma abordagem sobre *O destaque aos animais na poesia de Manoel de Barros*; e a terceira e última, refere-se ao trabalho de identificação, observação e reflexão acerca de *A presença da formiga em poemas de Manoel de Barros*.

## O cenário artístico povoado por animais

No cenário antigo e atual, é recorrente perceber o uso de animais nas criações artísticas, sendo quase impossível enumerar a quantidade de ilustrações, contos, narrativas, poemas, fábulas, entre outros gêneros, em que os animais exerceram papéis significativos. Assim, percebemos que a presença constante dos animais representa a presença da própria humanidade, já que, desde os primórdios, um relacionou-se fortemente com o outro, conforme a citação seguinte afirma:





# VII ENLIJE

“Em cada página da longa história da humanidade surge um animal; e essa presença, mesclada à nossa, é símbolo e penhor do equilíbrio de nossa vida e do mundo em que vivemos.” Bradesco- Goudeman, 1982, p.2)

Ou seja, o animal é um símbolo que representa uma ponte de acesso entre o homem e a natureza; um “penhor de equilíbrio”, que, retratado muitas vezes com características mescladas ao homem, confere-lhes existência em toda a história humana.

Ao saber dessa presença, apresentamos aqui dois poemas de dois autores de épocas e estilos diferentes, que trouxeram em suas obras, a figura dos animais representados com funções e características diversas.

## O Boi

Quando ainda no céu não se percebe a aurora,  
E ainda está molhando as árvores o orvalho,  
Sai pelo campo afora  
O boi, para o trabalho.

Com que calma obedece!  
Caminha sem parar:  
E o sol, quando aparece,  
Já o encontra, robusto e manso, a trabalhar.

Forte e meigo animal! Que bondade serena  
Tem na doce expressão da face resignada!  
Nem se revolta, quando o lavrador, sem pena,  
Para o instigar, lhe crava a ponta da aguilhada.

[...]

Olavo Bilac

Diante do poema, norteamos nossa observação com os seguintes questionamentos: 1) De que forma o animal é retratado? 2) Qual função exerce na obra?







# VII ENLIJE

Em O Boi, de Olavo Bilac, podemos identificar a retratação do animal a partir de expressões do próprio poema, tais como na segunda estrofe, primeiro verso: “com que calma obedece!”, ainda na segunda estrofe último verso: “Já o encontra, robusto e manso, a trabalhar” e, principalmente, na última estrofe, versos um e dois: “Forte e meigo animal! Que bondade serena/ Tem na doce expressão da face resignada!” Ou seja, Bilac apresenta o animal como um ser manso, calmo, passivo, obediente e trabalhador, que acorda antes do amanhecer para trabalhar, de forma resignada e calma. Além disso, apresenta a figura do homem, trajado de lavrador, que machuca o animal e que este, nem se revolta pelos maus-tratos. Essas características reforçam a ideologia de que o trabalho deve ser feito, sob quaisquer circunstâncias, como também reforça a imagem de que o boi deve trabalhar, continuamente e sem revolta, pois “nasceu” para servir o homem. A função encontrada nessa retratação é a de repassar um ensinamento e a ideologia da própria função do animal conferida tradicionalmente pela sociedade.

## A formiga

As coisas devem ser bem grandes

Pra formiga pequenina

A rosa, um lindo palácio

E o espinho, uma espada fina

A gota d'água, um manso lago

O pingo de chuva, um mar

Onde um pauzinho boiando

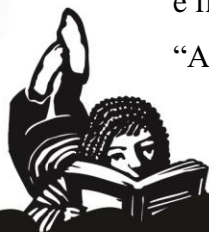
É navio a navegar

[...]

Vinicius de Moraes

Em A Formiga, de Vinicius de Moraes, o animal é representado como um ser pequeno e frágil, conforme a seguintes expressões do texto: primeira estrofe, primeiro e segundo verso: “As coisas devem ser bem grandes/ Pra formiga pequeninha”. Neste poema, é possível

(83) 3322.3222  
contato@enlije.com.br  
[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)





# VII ENLIJE

perceber que o autor descreve o cenário partindo do ponto de vista da formiga. Assim, retrata a natureza comparando-a com objetos e construções humanas, como ao descrever que, para a formiga, uma rosa é um lindo palácio e um espinho, uma espada fina. O objetivo/ função do poema parece não ser o de repassar um valor educativo, já que não induz a criança – ou quem estiver lendo, a ter uma visão específica da figura do animal, mas traz um jogo de comparações que encantam o leitor e trazem o ponto de vista do animal, proporcionando sensibilidade.

Além destes e entre as obras artísticas que trazem a presença do mundo animal, algumas destacam-se, como as fábulas de La Fontaine: A formiga e a Cigarra, A Formiga e a Pomba, A Raposa e a Cegonha, As Lebres e as Rãs, O Lobo e o Cão, entre outras em que os animais tornam-se protagonistas da história, com falas e características que lembram atitudes do ser humano, de forma que as fábulas ficaram comumente conhecidas por trazer, em seu enredo, uma lição de moral, ou seja, ironizam ou julgam as atitudes dos “animais” presentes na história.

Diante dessa relação com o ser humano, o autor (Bradesco-Goudemand, 1982) nos diz:

A literatura está cheia de histórias sobre animais; muitos escritores dedicaram-se a esses companheiros próximos ou distantes, cujos costumes eles pintaram, costumes muitas vezes assimilados aos seres humanos, fazendo-os participar estreitamente de nossa vida, como verdadeiros protagonistas [...] (Bradesco-Goudemand, 1982, p. 4)

Isto é, os animais pintados, descritos, cantados etc. representam, muitas vezes, a humanidade, em suas piores ou melhores características. A figura do animal povoou o cenário artístico e trouxe uma nova forma de representar a natureza e, também, o próprio homem. Ademais, foi objeto de educação, repassando valores, ideologias e lições de moral que perpassaram e influenciaram muitas gerações. Diante disso, apresentaremos uma nova versão da imagem dos animais na poesia, apresentaremos o destaque aos animais que o poeta brasileiro Manoel de Barros lança mão em suas poesias.

## O destaque aos animais na poesia de Manoel de Barros

A leitura da poesia de Manoel de Barros destaca-se, dentre muitos traços, pelo modo

(83) 3322 3222  
contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)





# VII ENLIJE

como lança mão de imagens que retratam animais os mais diversos, tais como seres rastejantes, aves e insetos. Porém, o destaque se dá não pela aparição dos animais em seus versos, mas pelo modo particular em que esses animais são retratados.

O excerto de Pinheiro (2012) descreve bem a poesia de Manoel de Barros:

“[...] nos convida, novamente, a olhar a realidade, a natureza com olhos mais livres. É sempre possível encontrar uma pergunta nova, que nos desautomatiza, que nos surpreende, que nos faça rever as respostas prontas, as percepções já cristalizadas.” (Pinheiro, 2012, p. 93)

Ou seja, a poesia de Manoel de Barros proporciona ao leitor novas percepções acerca da natureza e, também, acerca da própria criação artística. Primeiro, abre oportunidades para que a visão padronizada e automática seja quebrada, de forma que possamos enxergar além das normas impostas e, assim, surpreender a nós mesmos com o mundo que está em nosso entorno. Segundo, apresenta uma poesia livre da tradição, aberta a novas possibilidades de criação poética.

Nos dois poemas abaixo, fica claro a forma como o autor apresenta em seus poemas imagens que (re) figuram os animais e lhes confere características muitas vezes opostas das que habitualmente lhes são destinadas:

## Borboletas

Borboleta me convidaram a elas.

O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.

Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens

e das coisas.

Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta –

Seria, com certeza, um mundo livre aos poemas.

Daquele ponto de vista:

Vi que as árvores são mais competentes em auroras

Do que os homens.

Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas.

Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do

Ponto de vista de uma borboleta.







# VII ENLIJE

Ali até o meu fascínio era azul.

(BARROS, 2013, p. 365)

No poema *Borboletas*, de Manoel de Barros, o eu-lírico descreve como seria ver o mundo através do olhar das borboletas, já que, desse ponto de vista, “*por certo iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas*”. Dessa forma, ao dizer, na segunda estrofe, segundo verso que o mundo “seria, com certeza, um mundo livre aos poemas”, supomos que o eu-lírico acredite que, da perspectiva da borboleta, não há empecilhos para a imaginação, para a criação artística. Não há normas ou teorias que impeçam o livre fazer poético. E esse *privilegio insetal* atrai o eu-lírico. Além disso, ser/ ver como uma borboleta é enxergar a natureza em sua grandeza e importância, tendo em vista as afirmações feitas nos versos quarto e quinto da segunda estrofe e segundo da terceira estrofe, respectivamente: “Vi que as árvores são mais competentes em auroras/ Do que os homens”, “Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas”.

Diante desse poema, vemos que Manoel de Barros apresenta o animal em uma perspectiva sensível e encantadora; como também, a partir da configuração do animal, reforça o caráter essencial da natureza.

Caderno de apontamentos

XXVI

Depois que atravessarem o muro e a tarde

Os caracóis cessarão.

Às vezes ao meio.

Cessam de repente, porque lhes acaba por

Dentro a gosma com que sagram os seus

Caminhos.

Vêm os meninos e os arrancam da parede

Ocos.

E com formigas por dentro passeando em seus

Restos de carne.

Essas formigas são indóceis de ocos.

Ah, como serão ardentes nos caracóis os desejos

(83) 3322.3222  
contato@enlije.com.br  
[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)





De voar!

P.S.: Caracol é uma solidão que anda na parede

(BARROS, 2013, p.

No poema acima, Barros nos mostra a figura do caracol, de forma sensível, peculiar e, também, um pouco triste (o que nos remete ao apelo a sensibilidade), tendo em vista que o eu-lírico narra brevemente a jornada da vida de um caracol. Em trechos como o da primeira estrofe, primeiro e segundo versos: “Depois que atravessarem o muro e a tarde/ os caracóis cessarão” e a terceira estrofe, primeiro e segundo versos: “Vêm os meninos e os arrancam da parede/ocos”, o poema ativa imagens em nossa mente, que apelam para uma visão mais sensibilizada da figura do caracol, tendo em vista que é um animal comumente notado como um ser lento e nojento. Assim, ao descrever os meninos e as formigas como indóceis e ao explicitar os ardentes desejos de voar dos caracóis, Manoel de Barros (re)figura a ideia e concepção que temos do animal e apresenta um novo olhar a partir de sua caracterização particular. Traz à tona a grandeza do pequeno.

Dessa forma, mais do que constar a presença dos animais em seus poemas, Barros lhes confere protagonismo e imagens inovadoras.

## **A presença das formigas na poesia de Manoel de Barros**

Na literatura, as formigas são retomadas artisticamente, estando presentes em diversas obras. No exemplo abaixo, a figura da formiga exerce um valor educativo, portanto, é associada ao trabalho duro, à disciplina e ao caráter econômico:

Sem barra

Enquanto a formiga  
Carrega a comida  
Para o formigueiro,  
A cigarra canta,  
Canta o dia inteiro.







(José Paulo Paes, 1989)

Isto é, a função pedagógica relacionada à figura da formiga é muito significativa na tradição literária e escolar, já que, como é perceptível, a figura da formiga em fábulas como A cigarra e a formiga, de La Fontaine, além de outras versões poéticas como o trecho do poema acima de Paes (1989), induz lições e valores relativos ao trabalho e recompensa, disciplina e persistência e abundância e tranquilidade; deixando claro que o trabalho duro traz bons resultados.

Na poesia de Manoel de Barros, as formigas têm uma presença das mais constantes, podendo ser vista em vários de seus poemas desempenhando papéis significativos. Porém, diferente da figura da formiga consagrada tradicionalmente, o poeta a apresenta com funções contrárias às que lhes são remetidas habitualmente.

Os dois poemas que seguem, são exemplos da abordagem peculiar que o autor lança mão ao retratar a formiga:

## As formigas

### Cerca de dez formigas

Tentavam arrastar um caranguejo morto até a entrada  
Da casa delas.

Mas não puderam recolher o caranguejo na casa  
Porque a porta da casa era muito estreita.

Então as formigas almoçaram aquele caranguejo ali  
Mesmo.

Elas penetravam por dentro do caranguejo e comiam as substâncias de dentro.

De outra feita eu vi uma formiga solitária a puxar  
De fasto

Um marandová morto.

Ela puxava puxava de fasto e nada.

Não arredava do lugar um centímetro.

A formiga foi chamar as companheiras,

As companheiras vieram em bando, muitas.





# VII ENLIJE

E almoçaram o marandová ali mesmo.  
O pitéu estava até desmanchando...

(BARROS, 2013, p. 373-374)

Este poema é composto por dois momentos. No primeiro, o autor descreve a ação de dez formigas que, após a tentativa fracassada de levarem o caranguejo morto para casa, o “almoça” ali mesmo. No segundo, o eu-lírico relata que viu uma formiga solitária ostentando um marandová morto, mas sem conseguir movimentá-lo. Assim, chama as companheiras e “almoça” o “pitéu” “que estava até desmanchando”. Ao observar esse poema, percebemos que as formigas, diferente do papel tradicional que recebem, são apresentadas para nós, leitores, como degustadoras. Isto é, expressões como “almoçar” e “pitéu” nos remete a seres que sentem prazer em comer; constatando que as ações de carregar o caranguejo e o marandová mortos não designam uma precaução em relação ao estoque de comida que terão, mas ao privilégio de devorá-lo *ali mesmo*. Isso torna explícito a diferenciação com a imagem tradicional, que demonstra as formigas como econômicas, precavidas e que não sentem o prazer em comer.

## Biografia do orvalho

1

[...]

Uma formiga está de boca aberta para a tarde.  
As quatro patas da formiga tentam abraçar o sol.  
Na verdade, não sei se as patas da formiga  
Que tentam abraçar o sol  
Ou se são minhas frases que desejam fazer esse

Trabalho.

[...]

(BARROS, 2013, p. 343)

No poema acima, o autor lança mão de imagens que ressignificam a formiga, tendo em vista que a mesma se distancia dos papéis difundidos nas obras de outros autores. Nestes versos, Barros (2013) associa gestos humanos às formigas e, ao fazer isso, surpreende o leitor





# VII ENLIJE

e lhe oferece um novo parâmetro para observar a formiga. Assim, o autor apresenta a formiga como um ser que relaxa e aproveita a tarde, tendo em vista a expressão “está de boca aberta para a tarde”, como também supõe uma relação íntima entre formiga e natureza, em “as quatro patas da formiga tentam abraçar o sol”. Diante disso, evidencia-se a imagem ociosa da formiga, que, por sua vez, encontra-se integrada à natureza circundante.

A partir disso, percebemos que o autor faz representações que nos permite construir novas perspectivas acerca das formigas e da natureza em geral.

## Considerações finais

Diante da poesia de Manoel de Barros, percebemos que o apelo à sensibilidade, a descrição peculiar e a grandeza direcionada aos pequenos seres, (re)configuram e (re) significam as perspectivas de enxergar o mundo, de forma que animal e natureza tornam-se protagonistas, com funções importantes e essenciais à vida.

Assim, acreditamos que a caracterização singular das formigas e de outros animais na poesia de Manoel de Barros pode contribuir para estabelecer novas perspectivas em relação ao modo como percebemos os animais e a natureza em geral. Além de revelar a importância que os seres vivos têm para a vida e, também, explicitar a relação integrada entre natureza - homem – animais.

## Referências

ALVES, J. H. P. *De olho nos bichos*, IN: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís. *Poesia Infantil e Juvenil Brasileira: Uma Ciranda Sem Fim*. Cultura acadêmica: 2012.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: LeYa, 2013.

BRADESCO-GOUDEMAND, Yvonne. *O ciclo dos animais na literatura popular do Nordeste*. Tradução de Therezinha Pinto. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

PAES, José Paulo. *Poemas para brincar*. São Paulo: Ática, 1989. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/11702-2/>. Acesso em: 25/09/2018.

